

A RELEVÂNCIA DO ESPAÇO MUSEOLÓGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO: experiências no Museu Geo-Cartográfico e Ambiental

Andréia Medinilha Pancher ¹

RESUMO

Os museus constituem espaços fundamentais para a conservação, organização e difusão de acervos históricos, promovendo o conhecimento sobre os avanços da sociedade ao longo do tempo de forma lúdica, interativa e instigante. O objetivo central deste artigo é evidenciar a relevância do espaço museológico no desenvolvimento das atividades que compõem o tripé universitário: pesquisa, ensino e extensão, com ênfase nas experiências do Museu Geo-Cartográfico e Ambiental (MGCA). Para o propósito, realizou-se embasamento teórico-metodológico acerca da importância dos museus, da relação entre os espaços museológicos e a universidade, bem como sobre o potencial dos museus na integração das três dimensões acadêmicas. Também, foram efetuadas visitas técnicas a arquivos públicos e museus localizados em Rio Claro, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Essas visitas possibilitaram a participação em oficinas voltadas à compreensão de normas e procedimentos técnicos de preservação de materiais históricos, além da observação de exposições que serviram como referência para o aprimoramento da apresentação do acervo do MGCA. Assim, foram organizadas diversas exposições destinadas a atender escolas públicas e privadas de Rio Claro e região, abrangendo diferentes níveis de ensino. O MGCA tem se consolidado como espaço de incentivo à pesquisa sobre museus e práticas museológicas, contribuindo para o avanço do conhecimento nessa área e para a elaboração de conteúdos geográficos. As atividades desenvolvidas têm proporcionado um enriquecimento significativo à formação dos graduandos e, sobretudo, fortalecido o vínculo entre a universidade e a comunidade escolar local, configurando-se como um ambiente de troca mútua de saberes e experiências.

Palavras-chave: Museu Geo-Cartográfico e Ambiental, Ensino, Pesquisa, Extensão.

ABSTRACT

Museums are essential spaces for the preservation, organization, and dissemination of historical collections, fostering knowledge about societal advancements over time in a playful, interactive, and engaging way. The central objective of this article is to highlight the relevance of museum spaces in the development of activities that comprise the university's three pillars: research, teaching, and extension, with an emphasis on the experiences of the Geo-Cartographic and Environmental Museum (MGCA).

¹ Profa Dra. do curso de graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – SP – campus de Rio Claro, am.pancher@unesp.br

To this end, a theoretical and methodological foundation was developed regarding the relationship between museum spaces and universities, as well as the potential of museums in integrating the three academic dimensions. Technical visits were also conducted to public archives and museums located in Rio Claro, São Paulo, Minas Gerais, and Rio de Janeiro. These visits provided opportunities for participation in workshops focused on understanding the standards and technical procedures for preserving historical materials, as well as for observing exhibitions that served as references for improving the presentation of the MGCA collection. Like this, several exhibitions were organized for public and private schools in Rio Claro and the surrounding region, covering different levels of education. The MGCA has established itself as a space for encouraging research on museums and museological practices, contributing to the advancement of knowledge in this field and the development of geographic content. The activities developed have significantly enriched the education of undergraduates and, above all, strengthened the bond between the university and the local school community, establishing itself as an environment for the mutual exchange of knowledge and experiences.

Keywords: Geo-Cartographic and Environmental Museum, Teaching, Research, Extension.

INTRODUÇÃO

O diálogo entre os museus e as universidades está presente desde o processo de institucionalização das universidades brasileiras, nos anos 1920, quando intelectuais e profissionais vão configurar uma nova política educacional para o país. Com base em Santos (2016, p. 265), “os museus são espaços como locais constantes de representações humanas e físicas do/no espaço geográfico em diferentes escalas (local, nacional, internacional) que estão presentes nas diversas instituições situadas em diversas partes do mundo”. Para Martinez (2020), os museus são considerados como espaços direcionados para a conservação e exposição de patrimônios coletivos, na grande maioria mantidos pelo poder público. Esses espaços viabilizam a pesquisa, a extensão e o ensino de modo interrelacionado.

Com relação à pesquisa, os museus têm uma importância essencial, pois conjugam coleções dos mais diversos aspectos, adquiridas e conservadas há anos, as quais são riquezas resultantes do trabalho de gerações de pessoas históricas. Os acervos permitem “a acumulação, o questionamento e a transformação de teorias e axiomas formulados sobre o planeta e sobre todos os seres que o habitam ou o habitaram.” (Martinez, 2020, p. 10).

No que se refere à extensão, para Fernandes e Morates (2018), seu intuito não é apenas tornar acessível o conhecimento gerado na Universidade para a comunidade em geral, mas, especialmente, que seja um ambiente de compartilhamento de saberes e onde “as camadas

populares passem de objetos a sujeitos das ações extensionistas” (p. 36). Para os autores, tal conceituação se aproxima muito da função social dos museus em tempos recentes, cuja função primordial é realizar extensão; no caso dos museus universitários essa característica fica mais destacada, pois esses permitem uma relação direta com a comunidade. A concepção dos museus foi mudando com o passar do tempo, e seu alcance foi ampliado para além de um espaço de apreciação. Para alcançar este objetivo, é essencial conhecer a exposição com a qual se trabalha, para proporcionar que o tema abordado faça sentido na vida e provoque mudanças nas atitudes cotidianas do visitante.

Quanto ao potencial educativo e comunicativo dos museus, esses permitem outras relações com as áreas habitadas ou não, aproximando os museus de territórios e de grupos sociais diferentes, como comunidades indígenas, urbanas e rurais. (Martinez, 2020).

De acordo com Cravo (2021, p. 2),

Ir ao museu não é apenas se deslocar entre o espaço que separa a escola do prédio arquitetônico que comporta objetos temáticos pertinentes à museologia. Tampouco, é permanecer o tempo de uma visita num recinto que abriga o público. É algo cujo objetivo supera isso; trata-se de algo mágico que transporta seus visitantes para outra dimensão – histórica, geográfica, cultural etc. tendo como fulcro a percepção da realidade que em sala de aula, tão-somente, seria difícil de ser alcançada.

Assim, quando os alunos visitam um museu, são transportados de um ambiente predominantemente plano (sobretudo baseado no uso da lousa), para um ambiente tridimensional, ou seja, um espaço com volume, que representa um potencial pedagógico bastante estimulante ao aprendizado, através de uma viagem no tempo. Cravo (2021) enfatiza que o museu é um espaço único para o entendimento dos conceitos básicos de Geografia e da explicação das diversas ramificações da Geografia.

Para Cucchi, Francischett e Callai (2024), a aplicação de atividades práticas para o ensino, começa através da aproximação entre a escola e os ambientes museológicos, que fomenta e estimula a busca por novos conhecimentos e saberes, colaborando na direção de uma formação cidadã dos envolvidos, dando ênfase aos materiais históricos, vivendo o presente e planejando ações futuras. Para os autores,

Estudar por meio da ação educativa dos museus significa aproveitar as fontes de memória, os registros histórico-geográficos e o conhecimento sobre educação patrimonial, preservados nestes ambientes, como recursos de apoio à escola. No museu, o estudante visualiza o conteúdo desenvolvido pelo professor, ao trabalhar

com análises do processo de transformação do espaço, ao longo dos anos. (Cucchi, Francischett e Callai, 2024, p. 189).

Os museus universitários podem ser transformados em ambientes estimulantes, integrando teorias e práticas, com vistas a alterar percepções. Neste viés, esses museus têm potencial para fomentar questões inovadoras relevantes com finalidade científica e aprimorar a experiência cultural dos estudantes. (Subashi et al., 2019).

Do ponto de vista legal, a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. O Art. 1º desta Lei, determina que

Os museus se constituem em “instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (Brasil, 2009).

O Art. 2º dessa Lei, destaca que os princípios fundamentais dos museus são:

I – a valorização da dignidade humana; II – a promoção da cidadania; III – cumprimento da função social; IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural; e, VI – o intercâmbio institucional.” (Brasil, 2009).

Com base nessas premissas, em dezembro de 2022, foi criado o museu Geo-Cartográfico e Ambiental (MGCA), do curso de graduação em Geografia da UNESP de Rio Claro¹. A motivação para a criação desse espaço museológico foi valorizar e socializar o acervo histórico do curso de Geografia, acumulado no decorrer de 67 anos de existência, pois iniciou suas atividades em 1958. Esse acervo abrange mapas-murais de vários países do mundo como da Alemanha, Itália, Brasil, EUA, Austrália etc., cartas topográficas, imagens aerofotogramétricas, além de instrumentos de campo e de gabinete.

Diante do exposto, o objetivo principal deste artigo é evidenciar a relevância do espaço museológico para o desenvolvimento das atividades que compreendem o tripé da universidade - a pesquisa, o ensino e a extensão, - destacando-se as experiências vivenciadas no Museu Geo-Cartográfico e Ambiental, do curso de graduação em Geografia.

² através da submissão de uma proposta na Chamada CNPq/MCTI/FNDCT nº 39/2022 - Linha 3 - Divulgação científica e educação museal em espaços científico-culturais (Processo: 407117/2022-9), cuja vigência foi de 27 de dezembro de 2022 a 30 de abril de 2025.

A metodologia abrangeu o levantamento, leitura e diálogos de referências sobre espaços museológicos, ensino de Geografia mediado pelo museu, normas, procedimentos para a conservação e exposição do acervo, legislação sobre espaços museológicos etc.

Na etapa subsequente, foram realizadas visitas técnicas aos arquivos públicos da cidade de Rio Claro e de São Paulo), biblioteca Mário de Andrade, museus (Amador Bueno da Veiga, Ipiranga), espaços e de exposições (MASP), entre outros. Em dois desses espaços foram realizadas oficinas para conhecer normas e procedimentos técnicos para a conservação, restauração, armazenamento e exposição de material histórico.

Em seguida, foram organizadas diversas exposições para atender a demanda das escolas públicas e privadas de Rio Claro e região, nos diversos níveis de ensino, levando-se em conta a série, bem como a solicitação de algum tema específico pelas professoras e professores responsáveis pelas turmas das escolas. No decorrer do processo, desde a criação do museu até a abertura à visitação, foram desenvolvidas atividades relativas às três dimensões da universidade: pesquisa, ensino e extensão.

Os resultados obtidos no contexto da pesquisa foram: aprofundamento sobre as características e importância dos espaços museológicos; conhecimento do contexto e do período histórico que o acervo histórico foi produzido; elaboração de pesquisa científica, destacando-se a relevância do museu para o ensino de Geografia no Ensino Médio.

Quanto ao ensino, o acervo do MGCA permitiu o enriquecimento dos conteúdos de disciplinas do curso de graduação em Geografia, como a Geografia Urbana; a aquisição de práticas e habilidades para a conservação, organização e armazenamento do material histórico; o ensino de conceitos e conteúdos geográficos intermediados por documentos cartográficos e instrumentos de campo e gabinete, para turmas de variados níveis de ensino.

No que diz respeito à extensão, houve o envolvimento de discentes do curso de graduação em Geografia, sendo 4 bolsistas do CNPq, 2 bolsistas do IGCE, 4 voluntários e 4 discentes que têm realizado parte da carga horária da extensão universitária, obrigatória na UNESP desde 2024. Previamente ao contato com a comunidade escolar de Rio Claro e região, o grupo organizou as exposições para diversos públicos e níveis de ensino, o que demandou a adequação da linguagem e da comunicação para cada turma. Nos dias das visitas, a equipe do museu explica sobre as características do acervo e incentiva o diálogo com as crianças, numa relação mútua, ou seja, de um lado os graduandos expõem seus conhecimentos sobre o material histórico e de outro os visitantes fazem questões e interagem com o material, instigando-os a explorar aspectos e curiosidades dos mapas e instrumentos, favorecendo o aprendizado geográfico.

METODOLOGIA

Rocha, Correia e Siqueira (2021, p. 311) evidenciam que “os museus possuem uma metodologia própria que permite abordar conteúdos a partir de experiências diferenciadas das utilizadas pela escola e outras instâncias educacionais”. Assim, considerando-se que a coordenadora e os discentes envolvidos no projeto do museu não têm formação em museologia, desde o início das atividades o grupo do MGCA procurou informações sobre procedimentos técnicos para cuidar do acervo, para organizar as exposições e para receber os visitantes.

Neste sentido, a metodologia abrangeu as seguintes etapas:

1. **Leitura e a análise crítica de referências bibliográficas:** foram realizadas leituras e análises de textos que tratam dos espaços museológicos, dos museus como mediadores do conhecimento Geográfico, de normas, procedimentos e técnicas de conservação e exposição de material histórico e de legislação sobre os museus.
2. **Visitas técnicas:** para ampliar o conhecimento sobre os cuidados com acervos históricos, bem como conhecer modelos de apresentação de documentos e instrumentos antigos, a equipe realizou visitas técnicas nas seguintes instituições: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro “Oscar de Arruda Penteadado” e Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga, ambos de Rio Claro/SP; Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), Biblioteca Mario de Andrade, Museu do Ipiranga e Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), localizados na cidade de São Paulo; Museu de história Natural e Jardim Botânico (MHNJB), Centro de Referência em Cartografia Histórica, entre outros, da UFMG, em Minas Gerais; e, Museu do Amanhã e o Jardim Botânico, no Rio de Janeiro.
3. **Levantamento e catalogação dos documentos cartográficos, dos instrumentos de gabinete e de campo:** a equipe fez um levantamento e catalogação do material cartográfico analógico, abrangendo Cartas Topográficas, Mapas Temáticos, Mapas-Murais, Plantas Cadastrais, imagens aerofotogramétricas, imagens de Radar, entre outros, de **instrumentos de gabinete**, como: curvímetro, escalímetro, esteroscópio de bolso e de espelhos e de **instrumentos de campo**, destacando-se: bússola, clinômetro, balança de precisão. Os dados do acervo foram organizados numa planilha, visando catalogar e categorizar cada material quanto as suas características e funções.
4. **Estabelecimento de uma relação de cooperação com o Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB) da UFMG:** esta parceria permitiu a troca de informações e experiências entre as unidades museológicas, bem como serviu de modelo para o aprimoramento da exposição do MGCA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer de 2 anos e meio, desde a criação do Museu Geo-Cartográfico e Ambiental em dezembro de 2022, foram adquiridos o mobiliário para a organização e exposição do material físico e um computador para o armazenamento do acervo digital, com recursos do CNPq² (figura 1). A aproximação com o Arquivo Público de Rio Claro resultou na realização de visitas técnicas a essa instituição e uma oficina sobre conservação, restauração e armazenamento de acervos históricos. Também, após a visita ao Museu do Ipiranga, o Dr. Jorge Pimentel Cintra, Professor do Museu Paulista, no Ipiranga, que atua principalmente na Curadoria das Coleções Cartográficas, ministrou a palestra: “Aplicações de SIG em Cartografia Histórica: estudo de casos”.

Figura 1 – Infraestrutura do Museu Geo-Cartográfico e Ambiental



Elaboração: Pancher, 2025.

² Projeto financiado pelo CNPq, através da Chamada CNPq/MCTI/FNDCT nº 39/2022 - Linha 3 - Divulgação científica e educação museal em espaços científico-culturais. Processo: 407117/2022-9.

Desde o início do projeto, foram elaboradas e aperfeiçoadas metodologias específicas de conservação, armazenamento, exposição, bem como de pesquisa, ensino e extensão referente ao seu acervo e ao potencial de compartilhamento com os diferentes perfis de público. O levantamento do material cartográfico e de sensoriamento remoto, dos instrumentos de gabinete (esteroscópios, curvímetros, aerosketmaster) e de campo (inclinômetros, bússola, bolsa de campo, balança de precisão), permitiu organizar o acervo no ambiente do museu, integrando todos os materiais num único ambiente, facilitando seu acesso para a realização de pesquisas, além da mediação para o ensino e para a extensão (figura 2).

Figura 2 – Instrumentos de campo e de gabinete

	
Aerosketmaster	Esteroscópio de bolso
	
Curvímetro analógico	Curvímetro digital.

Elaboração: Pancher, 2025.

Como reflexo da parceria com os espaços museológicos da UFMG, especialmente com o Museu de História Natural e Jardim Botânico, realizou-se uma visita técnica a este museu e outros variados acervos, como: Paleontologia, Geologia, Botânico, Zoologia, Cartografia (Centro de Referência em Cartografia Histórica), Etnografia, os presépios do Pepiripau e do Pípiripim e de Arqueologia Pré-histórica e Arqueologia Histórica. Além disso, o diretor do MHNJB ministrou a palestra intitulada: “Os desafios de um museu universitário no Brasil: o caso do Museu de História Natural e do Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais”.

No aspecto do Ensino, o MGCA da UNESP de Rio Claro vem permitindo conduzir os discentes da graduação em Geografia a uma viagem no tempo, evidenciando a evolução dessa ciência, oferecendo uma base histórica importante para várias disciplinas da estrutura curricular do curso, tanto para a formação dos bacharéis, quanto para os licenciandos. Além disso, o acervo histórico da Geografia tem sido aberto para visitação de escolas da rede pública e privada de ensino de Rio Claro e região, desde o início do ano letivo de 2023, possibilitando aos escolares o conhecimento da trajetória da ciência geográfica. Para todos os públicos, a visita ao museu permite sair dos muros das escolas e instituições, bem como da sala de aula, para vivenciar um espaço lúdico e instigante ao conhecimento geográfico. (figura 3).

Figura 3 – Visitas de escolas públicas de Rio Claro/SP ao MGCA





Elaboração: Pancher, 2025.

Do acervo cartográfico, destaca-se a coleção referente a cidade de Rio Claro, composta por mapas básicos e temáticos, plantas cadastrais, imagens aerofotogramétricas da área urbana, entre outros, trazendo visibilidade para o conhecimento do Lugar, tão relevante para o ensino de Geografia, principalmente no Ensino Fundamental I e II.

No aspecto da extensão, devido a um movimento realizado pela UNESP para a sua curricularização, o espaço tem recebido discentes do curso de graduação em Geografia, para cumprirem sua carga horária de extensão realizando atividades no Museu. Neste âmbito, o MGCA tem oferecido oportunidades para os discentes ampliarem o conhecimento sobre diversos aspectos da ciência Geográfica, através dos cuidados e análises de textos, mapas, imagens, instrumentos, permitindo-se a elaboração de conteúdos sobre as características do material cartográfico analógico e digital, bem como dos aspectos e funcionalidades dos instrumentos. Também, eles têm participado da organização das exposições, e da recepção de grupos de unidades de ensino e outras instituições, envolvendo a explicação dos diferentes

materiais. Vale destacar, que o IGCE/UNESP forneceu duas bolsas de extensão, incentivando a participação de discentes do curso de graduação em Geografia. Segundo Lucindo, Alves e Ribeiro (2022), através dessa oportunidade, os graduandos complementam sua formação, tendo como tarefa principal a mediação da integração dos visitantes com a exposição, fomentando também a formação do público que vai até o museu por livre escolha, além dos escolares da educação básica e superior.

No que se refere à pesquisa, o acervo tem um rico potencial para a elaboração de pesquisas tanto sobre as bases cartográficas, como também através dos mapas temáticos, permitindo-se analisar o contexto dos elementos mapeados em diferentes épocas, além da evolução do uso e ocupação da terra em diferentes lugares do mundo e de regiões do Brasil. A organização da exposição envolve a pesquisa sobre o material, visando conhecer o contexto e a realidade da época que foi produzido, além da elaboração de conteúdos, que são apresentados aos visitantes. Neste âmbito, foi possível elaborar folder e cartilha sobre o MGCA. Até o momento, foi realizada uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso por um discente do curso de graduação em Geografia, que atuou como bolsista deste projeto (financiada pelo CNPq), no período de abril de 2023 a abril de 2025. O objetivo dessa pesquisa foi estudar o potencial do museu para mediar o Ensino de Geografia para o Ensino Médio.

Diante do exposto, o MGCA foi se estabelecendo através de diálogos com docentes da Geografia da UNESP, com os colaboradores, com a equipe do Museu, e especialmente, com os visitantes. Esse espaço constitui-se num rico ambiente, que instiga a busca por conhecimentos, a interação entre os discentes da Geografia e de outros cursos e a aproximação da universidade com a comunidade local e regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Museu Geo-Cartográfico e Ambiental tem se mostrado como um espaço rico para a realização de atividades primordiais da universidade, cumprindo um papel complexo relativo ao tripé: pesquisa, ensino e extensão. Desde o início de suas atividades, o espaço tem fomentado a realização de pesquisas sobre espaços museológicos, normas e procedimentos para cuidar de acervo histórico, permitindo-se conservar, armazenar e expor o material, bem como elaborar conteúdos geográficos.

A exploração das características e curiosidades dos documentos cartográficos, de produtos sensores, instrumentos e obras literárias, tem permitido a mediação para o ensino de Geografia, de modo dinâmico, interativo e interessante para os estudantes. As visitas têm possibilitado um enriquecimento do conhecimento dos graduandos e, principalmente, uma

aproximação entre a universidade e a comunidade escolar de Rio Claro e região, criando-se um ambiente de reciprocidade. O desafio para a continuidade do MGCA, será a obtenção de recursos financeiros e humanos, que podem ser viabilizados através de Editais específicos para museus, tanto da UNESP quanto de agências de fomento, permitindo-se ampliar a infraestrutura digital e os materiais interativos e lúdicos, bem como a concessão de bolsas para discentes da graduação e da pós-graduação.

Para encerrar este artigo, apresenta-se uma reflexão, com base nas colocações de Fernandes e Morates (2018): os museus devem ser repensados para envolver e trocar saberes entre a comunidade e a Universidade. Para tanto, as exposições devem ser organizadas visando estimular autonomia ao visitante, para que este tenha condições de buscar a construção de conhecimento e, desse modo, dê retorno àqueles que realizam a mediação. É necessário “repensar a trajetória do museu e buscar novas formas de apresentar suas exposições e realizar suas ações educativas, em consonância com os preceitos definidos para uma extensão universitária inclusiva e emancipadora.” (p. 42).

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 15 jan. 2009.
- CRAVO, S. C. Ensino de Geografia e o expediente de visita ao museu para promovê-lo. **Revista Caparaó**, V. 3, N. 2, e55, 2021.
- CUCCHI, A. Z; FRANCISCHETT, M. N.; CALLAI, H. C. Museu escolar como proposta metodológica de estudo da Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Caminhos de Geografia Uberlândia**, v. 25, n. 98, p. 187–199, 2024.
- FERNANDES, A.P.; MORATES; Lucas Antônio. O PAPEL DOS MUSEUS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: o Museu de Ciências Naturais da UFRGS. *Revista da Extensão da UFRGS*, vol. 17, n. 35, 2018, p. 35-42.
- LUCINDO, N. I.; ALVES, D. C.; RIBEIRO, M. V. G. Experiências de formação docente no museu: diálogos a partir da extensão. In.: CARVALHO, C. M. N. de; SOARES, I. B.; COSTA, M. L. R. (orgs.). **Veredas e (re)configurações da formação docente**, Cap. 7, p. 215-243, 2022.
- MARTINEZ, P. H. **A Vida e o Mundo**: meio ambiente, patrimônio e museus. São Paulo: Ed. Humanitas, 2020. v. 1. 182p.
- ROCHA, S. M.; CORREIA, H. R. de O.; SIQUEIRA, G. K. Núcleo educativo do MAUC: articulações entre ensino, pesquisa e extensão em um museu de arte universitário. In.: NASCIMENTO, A. L. de M. (org.). **Fórum de Museus Universitários. Patrimônio museológico brasileiro: experiências e olhares diversos. Anais**. p. 308-323, 2022.

SANTOS, F. de O.. GEOGRAFIA E MUSEUS: proposta de diálogos. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 12, p. 259-273, jul./dez., 2016.

SUBASHI, D. X. et al. University Museums of National and Kapodistrian University of Athens from Inside Out - Mapping Teaching Tools. **Academic Journal of Interdisciplinary Studies**. Vol. 8, nº 4, december, 2019.